

UM HOMEM RICO... DE SONHOS

Trascrito de “A Gazeta” de 23/10/93

A morte costuma surpreender a vida. Não pela interrupção. Mas pelas lições e peças que prega aos que sobrevivem.

A morte do velho guerreiro Archimedes Pereira Lima é uma dessas mortes que vão além do fenômeno físico-espiritual. Suspendeu o exercício de vida de um homem que, às vésperas dos 86 anos, ainda insistia em continuar sua trajetória de trabalho.

Dele algumas definições foram expressas por amigos. Clóvis de Mello, por exemplo, lembrou Bousset diante do cadáver de Carlos IV: “*morto, parece maior do que vivo*”. Ou Pedro Rocha Jucá: “*um homem que viveu rico de sonhos*”, “*um desses homens a quem podemos chamar de homem-monumento...*”, ou “*Archimedes fez muito por Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Agora é a vez de cuidar da parte dele*”. Joel Bulhões lembrou a amizade de Archimedes e imaginou-o incentivando-o: “*vá em frente*”, “*como um símbolo*”, na definição do neto Archimedes Pereira Lima Neto, que falou ao avô entre lágrimas. Ou amigo inseparável de intermináveis conversas, Satyro de Oliveira: “*Archimedes alcançou as culminâncias da vida*”.

Sou um amigo suspeito ao falar nele. Conheci-o em 1976. Ao assumir a chefia da Casa Civil no governo Garcia Neto, ele fez uma afirmação que despertou minha curiosidade sobre o seu passado: “*sempre servi aos governos sem nunca deles ter-me servido*”.

O seu passado era tão grande quanto o seu presente. E certamente quanto a permanência viva do seu nome no futuro.

O deputado Ricardo Corrêa disse-me no instante que Archimedes deixava a Academia Matogrossense de Letras, da qual tanto gostava: “*o maior patrimônio de um homem é esse. O nome. Não se pode deixar herança maior*”.

Embora estivesse fora da vida pública atuante, Archimedes era uma dessas presenças sutis que falam no silêncio.

Voz mansa, gestos calmos. Poderosa energia mental. Amigo leal.

Seu último cargo público foi o de chefe da Casa Civil, até 1978. Depois, em 1986/87 o de presidente da Associação Comercial de Cuiabá.

No entanto, a sua morte veio confirmar que era uma fonte de inspiração para tanta gente moça e atuante na vida pública empresarial.

Diante dele velado, aos poucos as pessoas foram definindo traços de seu caráter e de sua personalidade. Ouvi tantos. Dignidade. Honradez. Determinação. Coragem.

E mais: “*já não existem mais homens assim*”. A vida de tantos já se marcou por fortunas e por homenagens trajetórias. Mas essa homenagem ao caráter do amigo Archimedes ressuscita uma reflexão extraordinária: as ações do homem superam o tempo. Através delas se podem sobreviver à morte.

Já vai quase meio século que Archimedes presidiu o início do desbravamento do Vale do Araguaia. Mas não foi esquecido. E nem foi esquecido também pela ousadia do jornalista visionário “*enriquecido de sonhos*”. E nem foi esquecido por tantas outras coisas que fez e sequer estão registradas devidamente. Mesmo assim a força delas o manterão vivo.

Archimedes vivia às turras com os filhos e com a sua pequenina Sueli sobre continuar dirigindo. Ele reagia com energia a qualquer idéia de deixar o carro. E argumentava que, se suas pernas já não o sustentavam como antes, no carro ele tinha a liberdade de ir e vir, como sempre fez. Um andarilho emérito. E foi numa dessas suas vindas que ele não voltou. Saíra

da Cervejaria Cuiabana, que ele fundou no final da década de 60 e da qual fora presidente. Aposentado, continuou como assessor da presidência. Vinha para o centro trafegando na antiga estrada do Moinho que seria chamada de Avenida Archimedes Pereira Lima em breve, e dirigindo o seu carro. Em plena liberdade como gostava. E em plena atividade como sempre viveu.

Ali separou-se da vida. E de todos nós a quem inspirava de uma ou de outra forma.

Porém, se morreu perto da sua cervejaria, na sua avenida e dentro do carro que lhe simbolizava a liberdade, ele não morreu. Apenas se foi. Cúmplice, quem sabe, escolheu junto com a Providência o seu desfecho.

Archimedes só morreu aqui. Começou outra vida. Outros projetos. Com sua incontida modéstia deve estar lá rindo de nós. Rico de sonhos.

Onofre Ribeiro